

As práticas amorosas na contemporaneidade¹

Jurandir Freire Costa

[21] Gostaria de agradecer aos organizadores do encontro pela chance de discutir algumas das idéias que venho desenvolver sobre o tema do amor romântico. Em particular a Daniel Kupermann, que foi a pessoa que me convidou, a Carlos Alberto de Mattos, que compõe a mesa e, enfim, a Beth Muller, que me ajudou a encurtar em uns 20 minutos o que teria a dizer.

De fato, aquilo que abordarei é uma espécie de fragmento no painel traçado pela Beth. E, é óbvio, a história que pretendo narrar não pode se comprar com aquela que Beth trouxe, a de Paul Auster. Pretendo discutir a questão do romantismo amoroso em suas manifestações atuais, observando, desde logo, que se trata de um ideal de interação sociocultural marcado pelo selo do anacronismo. Dizer que se trata de um anacronismo não é dizer que o amor romântico é uma coisa desprezível. Não vivemos sem emoções, e a emoção amorosa pode nos trazer enormes alegrias, prazeres ou felicidade. Dizer que o romantismo amoroso é um anacronismo significa dizer que os elementos que formam o “ideal de amor bem-sucedido” já não encontram suporte na “realidade afetiva” dos sujeitos modernos. É desse ponto de vista que penso tratar dos impasses do amor romântico em nossa cultura.

O romantismo amoroso é uma invenção cultural européia que recebeu sua mais refinada expressão no pensamento de Rousseau, e, depois dele, no romantismo filosófico e literário da Alemanha, Inglaterra e França. Pois bem, esse romantismo, que é contemporâneo do individualismo burguês, vem sofrendo sucessivas transformações na sociedade atual, transformações que incidem diretamente na clínica, já que dizem respeito às aspirações do sujeito à felicidade e ao prazer. Em função disso, retomo brevemente, as grandes linhas de metapsicologia do amor na psicanálise e, para evitar particularismos desnecessários, vou, sobretudo, me referir a Freud.

De modo geral, Freud fala do amor em dois grandes conjuntos nocionais. No primeiro, que corresponde, grosso modo, aos trabalhos da *Psicoterapia da Histeria* até os *Três Ensaios sobre a Sexualidade*, o amor é descrito como um derivado direto da libido. O recalque, a inibição e a sublimação são os mecanismos convocados para explicar como a pulsão sexual se cinde em sensualidade e ternura ou, então, como a sensualidade pode se metamorfosear em ternura. O amor é

¹ Conferência proferida no 3º Fórum de Psicanálise do Instituto Brasileiro de Medicina e Reabilitação (IBMR), em 30 de outubro de 1998, por ocasião do lançamento do livro *Sem fraude nem favor – estudos sobre o amor romântico*. Transcrição: Regina Célia P. M. Romeira. Texto estabelecido por Doris Alvim Botelho. A referência completa deste texto é: Costa, Jurandir Freire. *As práticas amorosas na contemporaneidade* in: *Psychê – Revista de Psicanálise*, Ano III., Nº 03, São Paulo, 1999. Em colchetes, a referência completa deste texto no original da revista.

um sentimento ou, como penso mostrar, [22] um complexo emocional – que acompanha a sensualidade genital ou que surgiria como um produto da transformação das pulsões sexuais parciais. Dito de outro modo, a pulsão sexual parcial só produziria amor quando inibida, recalçada, desviada dos objetivos ou sublimada, enquanto a pulsão sexual genital se converteria em amor, decompondo sua “energia” em *sensualidade* – sensações orgásticas corporais – e *sentimentos* – afetos de paixão ou ternura, por exemplo.

As instâncias responsáveis pelos diversos destinos da libido e pela conversão da sensualidade em amor seriam a censura moral e, posteriormente, o supereu, que agiriam comandados pelas leis culturais do tabu do incesto. As leis do parentesco exigem que a criança renuncie tanto à sexualidade auto-erótica quanto à atração edipiana pelos pais. A sexualidade auto-erótica vai fornecer energia sexual para os processos sublimatórios ou persistir, a título de prazeres preliminares, no coito genital; a sexualidade edipiana deve ser deslocada sobre os objetos que substituirão os genitores ou, então, sublimada, recalçada ou inibida, vindo a reaparecer nos sentimentos de ternura para com pais, irmãos e outras figuras significativas do ambiente familiar ou social do sujeito.

Essa idéia do amor, como derivado direto da sexualidade, foi bastante alterada depois da invenção teórica do narcisismo. Desde então, Freud passou a pensar no amor como um sentimento experimentado por pessoas que substituem a mãe que alimenta ou o pai que protege – *o amor anaclítico ou por apoio* – e por pessoas que refletem a imagem do próprio sujeito – *o amor narcísico*. Pouco a pouco, ele percebeu que essa divisão não se sustentava. O amor pela mãe ou pelo pai também era narcísico, pelo fato da criança amar os dois porque ambos amam a criança. Em última instância, é o amor de si que conta, mesmo na modalidade anaclítica de amar. Tanto no “amor narcísico” quanto no “amor por apoio” se manifesta o desejo de recuperar o amor que a criança teve ou imaginava que teve. Mas o que importa ressaltar é que, da teoria do narcisismo em diante, o interesse de Freud não era mais saber qual a energia pulsional do amor – que, para ele, continuava a ser o sexo – mas qual o tipo de objeto implicado na escolha amorosa. Fazia diferença amar alguém que só é amado porque replica nossa imagem ou amar alguém a quem percebemos, desde o início da vida, como diferente de nós. O amor narcísico, assim, passou a ser visto como um tipo de amor inferior, egoísta e imaturo, por oposição ao amor anaclítico, considerado mais evoluído, altruísta e voltado, verdadeiramente, para o outro.

Todas essas questões eram bastante discutidas pelos moralistas, filósofos que, no século XVII, pensavam à margem da chamada filosofia [23] argumentativa, voltada para as questões das origens e da natureza do Ser ou da Coisa. Os moralistas abandonaram essas perguntas heróicas e se ocuparam dos problemas morais das pessoas comuns, entre eles, o amor. Pensadores como La Rochefoucauld, Montaigne etc., sempre se inclinaram a ver na emoção amorosa uma pura expansão

do amor a si mesmo. Rousseau retomou a questão, deu-lhe nova aparência e Freud é um herdeiro legítimo desse debate. Como Rousseau, ele tentou resolver o dilema moral do amor a si x do amor ao outro, a partir da relação dinâmica entre sexo e amor. Mas, diferente de Rousseau, que achava possível subordinar a sexualidade ao amor pelo outro, Freud afirmou que tal subordinação jamais é completa ou acabada. Ora amamos quem não desejamos sensualmente, ora desejamos sensualmente uma mesma pessoa, sexo e amor sempre terminam por entrar em descompasso, dados os interesses narcísicos de cada um. Em resumo, para Freud, a solução de compromisso de Rousseau era ilusória. Restava, portanto, saber que, em todo amor, existe algo de impossível, um resto que subtrai ao império do imaginário narcísico e mostra ao sujeito as marcas da castração.

A maioria dos analistas, sobretudo os influenciados pela psicanálise de origem francesa, como nós brasileiros, aceitou essa interpretação quase sem discussão. Amar, dizemos, é um padecimento necessário, uma forma paradoxal que temos de gozar com nossa imagem narcísica projetada no amado e renunciar, simultaneamente, às promessas de completude narcísica, vivendo a finitude de um sentimento que desejamos que seja eterno. O amor, de fato, é, meramente, uma defesa psíquica, entre tantas outras, contra o horror da castração ou contra a angústia produzida pelo encontro com o Real. O amor segue o destino da sexualidade, ou seja, ocultar e revelar o que tanto tememos: a “ferida da existência não tem cura” e viver é conviver com a “dor de existir”.

Esse mito parece eletrizar numerosas mentes. Mas, como todo mito, nada mais é do que um “romance cultural” ao qual nos familiarizamos pela força dos gênios criadores de novas metáforas, como Rousseau ou Freud. Por trás do pretense destino do amor, o que existe é uma adesão maciça à ideologia do romantismo sentimental. O grande trunfo dessa ideologia é, primeiro, o de fazer crer na existência necessária do vínculo entre sexualidade e amor e, segundo, afirmar que o apaixonamento romântico é “constitutivo” do desenvolvimento emocional do sujeito, isto é, uma fase obrigatória do nosso desenvolvimento psíquico logrado. Acontece que esse tipo de vínculo não apenas foi historicamente concebido e incentivado, como foi, desde sempre, uma acrobacia psicológica para a qual somos [24] culturalmente treinados e não uma emanção espontânea de nossa alma, espírito, psiquismo ou qualquer outro sinônimo do gênero. Freud disse isso, mas foi, sobretudo, Balint, e, em menor medida, Bowlby e Winnicott, que chamaram a atenção para o fato de que o sentimento amoroso é um sentimento de apego independente, empírica e teoricamente, da atração sexual. O vínculo entre sexo e amor é histórica, cultural e psicologicamente arbitrário. Podemos criar um apego ao outro por motivos sexuais, mas podemos nos apegar ao outro sem que os impulsos sexuais sejam os móveis determinantes do vínculo. Nada existe de compulsório no fato de amar romanticamente ou de associar amor à sexualidade.

Quando pensamos dessa maneira, fica mais fácil entender a historicidade do amor-paixão romântico e as razões de seu declínio. O romantismo amoroso é um tipo de interação

emocional ou uma regra de construção de identidade psicológica² que nos foi proposto, basicamente, por três motivos: 1) porque favoreceu a formação da família nuclear e suas conseqüências sócio-afetivas como o cuidado das crianças, a conversão das mulheres em mães, a conversão dos homens em pais, a divisão dos humanos em heterossexuais e homossexuais etc.; 2) porque incentivou o aprendizado da autonomia e da independência burguesa e utilitaristas, diante dos interesses grupais das linhagens e casas aristocráticas e 3) porque ofereceu ao burguês recém-nascido uma experiência de êxtase físico-sentimental que veio a substituir outras experiências culturais extáticas como o êxtase religioso, os êxtases da violência das guerras, os êxtases dos rituais orgiásticos etc. O amor-paixão romântico é o êxtase próprio à cultura da contenção burguesa, à qual veio se somar certas injunções cristãs, sobretudo as de origem puritana.

Na época atual, os elementos que garantiam a solidez do romantismo amoroso entraram em decadência. A família, o pudor, a vergonha, a repressão sexual, o respeito pela intimidade, a sacralidade do matrimônio, o objetivo da reprodução biológica, a dissemetria entre homens e mulheres no que concerne à liberdade sexual etc., todos esses elementos, que aureolavam o amor romântico, estão definhando em uma velocidade vertiginosa. No lugar, a sociedade de consumo entronizou o culto ao corpo, aos prazeres físicos, à liberdade de procriar fora das relações conjugais, a ingestão de drogas extáticas, a liberação sexual e, principalmente, a repulsa ao sofrimento. Ora, o amor-romântico, que surgiu como uma reação “humanizada”, terna e autêntica ao cinismo das artes da sedução de Corte, se vê, agora, destronado por alguma coisa semelhante aquilo que ele próprio ajudou a demolir. Se existe um parentesco entre a moral amoroso-sexual atual e alguma outra moral semelhante é, seguramente, com a prática da [25] sexualidade de Valmont e da marquesa de Meurteuil, e não de Tristão e Isolda ou Romeu e Julieta, como imaginamos. Com uma diferença, é óbvio: os nobres do Antigo Regime não interpretavam a “libertinagem” em que viviam como algo “essencialmente elevado moralmente”. Ao contrário, sabiam que a regra da sedução era um puro jogo destinado a defender a fama e a reputação de quem era candidato ao posto de maior conquistador. Hoje, justificamos comportamentos semelhantes, em nome do respeito contrito ao nosso desejo e ao “Bem do Amor”.

Dizer isso, no entanto, não é acusar o comportamento dos amantes atuais de narcisistas, egoístas e descomprometido com o outro; dizer isso é dizer que o modo de amar do romantismo amoroso é só um modo entre outros possíveis. E, na clínica, quando nos defrontamos com quadros

² [28] Utilizo deliberadamente a expressão “identidade psicológica”, para aludir ao fato de que a identidade do amante romântico é uma identidade psicológica socialmente construída como qualquer outra. Sabemos que, em psicanálise, o termo equivalente à identidade é o ego ou ego-narcísico. Ao falar de identidade amorosa tenho a intenção de mostrar que essa identidade é tão aleatória quanto as identidades de gênero ou de sexo. Pelo fato de ser uma identidade emocional, a identidade do amante romântico não é menos dependente do contexto cultural do que as identidades

depressivos, de pessoas imensamente frustradas porque não conseguem “sustentar um vínculo amoroso”, é importante pensar duas vezes, antes de vasculhar a cabeça em busca de “castrações”, “impossíveis”, “existências sem cura”, e “dores de existir”! Talvez tudo isso seja verdade, mas nada disso prova que viver uma vida cinzenta porque não se consegue amar conforme o figurino romântico é um “destino inevitável do Ser da Pulsão e da Linguagem”, tudo em maiúsculas teóricas, como se se tratasse de “versículos freudianos”! No mínimo, podemos escolher sofrer por outras causas e tentar inventar novas modalidades de amar que não sejam as criadas por Rousseau. O mundo não começou nem termina aqui e agora. E o amor romântico é uma emoção mundana que, como tudo que é humano, pode ser transformado para melhor ou para pior, segundo nossas iniciativas. Nossa vontade não pode tudo, mas pode qualquer coisa, e a melhor confirmação disso é a própria história de amor.

O amor nem sempre foi concebido com as características do amor paixão romântico, isto é, como qualquer coisa que está “dentro de nós”, que é “intrínseco” à vida mental de todo sujeito. O amor é uma emoção, ou melhor, um complexo emocional feito de *crenças, julgamentos, sensações e sentimentos*. Ora, antes de se tornar “romântico” o amor foi concebido como um Bem que estava aquém e além do sujeito. Foi dessa maneira que os gregos o imaginaram – ver, por exemplo, o *Banquete* e o *Fedro*, de Platão – e também os cristãos, que pensavam no amor como algo que vinha de Deus e devia voltar para Deus. Essa concepção nada tem em comum com a idéia à qual nos habituamos, e é improcedente dizer que gregos e cristãos ignoravam o que “nós psicanalistas” descobrimos. OU seja, dizer que “eles não sabiam que sabiam” é um artifício retórico e não um argumento sólido. Pois, a alegação pode ser dirigida contra nós, modernos, por qualquer metafísica leiga ou religiosa, com a mesma legitimidade [26] cognitiva e epistemológica. Os psicanalistas não têm acesso privilegiado à verdade do Ser, têm uma outra descrição dos conflitos humanos, mais adequada aos propósitos clínicos. É muito, mas é só!

Assim, durante séculos, vivemos perfeitamente bem ou perfeitamente mal, sem acreditar que “fora do amor romântico não existe salvação”! Os homens e mulheres que nos antecederam nem eram piores nem melhores do que somos, em matéria de sentimentos; eram apenas diferentes! Como procurei mostrar em *Sem fraude nem favor*, a emoção amorosa característica do romantismo foi lentamente fabricada por experiências culturais heterogêneas, das quais as mais importantes foram: as práticas de vida monástica e a linguagem da mística cristã; as práticas de vida das Sociedades Cavaleirescas e a linguagem do Amor Cortês; a filosofia materialista, que sustentava as teorias políticas dos séculos XVII e XVIII; as práticas de contenção e interiorização sentimental das Sociedades de Corte do Antigo Regime e, por fim, as teses do Romantismo filosófico, literário e artístico do século XX.

O amor romântico, portanto, é um complexo emocional profundamente enraizado em nossa cultura. Mas não é uma “obrigação da natureza” nem uma modalidade de sentimento que está inscrita a-historicamente na estrutura do psiquismo. O amor do romantismo é o amor do individualismo cultural e não uma expressão transhistórica do narcisismo egóico. Se assim fosse, teríamos testemunhos do amor romântico em todas as culturas, o que não é verdade! O que conhecemos em todas as culturas são relatos de vínculos emocionais que reconhecemos como sendo idênticos ao apaixonamento do romantismo amoroso. Mas isso é completamente diferente de dizer que o “romantismo” sempre existiu! Acreditar que os apaixonamentos históricos ou lendários que conhecemos são o mesmo que os apaixonamentos que experimentamos, no quadro do aprendizado e do exercício do romantismo sentimental, é o mesmo que dizer que todas as formas de espiritualidade e de crenças no sobrenatural são o mesmo que o catolicismo, o protestantismo ou o islamismo!

Nenhum de nós, certamente, aceitaria tais analogias ou semelhanças como identidades. É verdade que conhecemos episódios de “atração sexual acompanhada de atração sentimental entre duas pessoas” em todas as sociedades razoavelmente complexas, de tradição oral ou escrita. Mas apenas as sociedades européias dos dois últimos séculos ensinam que essa atração é “uma virtude moral” ou uma “experiência psíquica” a qual todos devemos aspirar, se quisermos ser felizes ou alcançar a boa vida! A diferença é enorme. Certas condutas e aspirações, pelo fato de serem possíveis, não são compulsórias. Dizer que podemos amar romanticamente [27] significa, simplesmente, dizer que temos o potencial para amar dessa maneira e não que esse tipo de amor é a saída psíquica necessária às demandas da pulsão sexual daqueles que são “sadios”, “maduros”, “psicologicamente liberados”, “sexualmente íntegros”, “narcisicamente bem equilibrados” etc. Amar romanticamente pode ser uma “virtude” e uma experiência emocional extremamente satisfatória, sem que tenhamos que aceitar, por isso, que essa é a condição da felicidade possível, *sub specie aeternitatis!*

Essa última afirmação implica um compromisso com uma imagem do sujeito que, em absoluto, se sustenta à luz dos depoimentos culturais que possuímos. Com exceção de Balint, poucos analistas perceberam isso. Tomaram a realidade imaginária do amor romântico como se fosse uma realidade estrutural das formas de prazer que negam o aparelho psíquico. Na época de Freud isso era compreensível; em nossa época isso é, no mínimo, ingenuidade teórica.

Enfim, o grande problema do romantismo é que ele se tornou a tábua de salvação da cultura do narcisismo, por ser capaz de 1) oferecer um sentido moralmente aceitável para um estilo de vida que, de resto, se limita a não empurrar para a adoração de nosso próprio umbigo e 2) por nos afastar de preocupações com o mundo e com os outros, sem que tenhamos má consciência. Mesmo o mais empedernido explorador de vidas alheias; mesmo o indivíduo mais alheio à miséria

e à dor dos outros, se sente uma pessoa “extremamente sensível”, “generosa”, “humanitária”, “idealista”, porque pode se apaixonar e fazer tudo por amor! A meu ver, nada existe de particularmente nobre ou admirável no fato de duas pessoas se unirem para usufruírem do prazer sexual ou sentimental que ambas são capazes de dar uma à outra. Essa economia de troca é encontrada em numerosas atividades humanas. A “grandeza moral” do amor romântico é o reflexo e o resíduo de períodos históricos anteriores, nos quais o amor era imaginado como o “Bem Supremo”, como manifestação da presença de Deus no coração dos homens, ou, como imaginou Rousseau, como um modo altruísta de submeter o “egoísmo” do prazer sexual a objetivos mais vastos como o amor à família, o amor aos pais, o amor aos filhos, e, finalmente, o amor à sociedade e à nação. Sem esse compromisso com interesses maiores, o amor se torna uma emoção trivial. O *frisson* amoroso, como qualquer outro, está fadado a passar e, uma vez terminado, recomeça a ciranda da busca do “grande amado para todo sempre”, que, de novo, será página virada do folhetim, quando perder a possibilidade de excitar extaticamente o desejo do amante.

Não penso que esse ciclo tenha nada de “degradado”, “corrompido” ou “abastardo pelo capitalismo do consumo!”. O problema não é o tipo [28] de emoção; é o valor cultural e psicológico a ela atribuído. Em vez de “céu na terra” e “quintessência da bem-aventurança”, a emoção amorosa pode ser aprendida e ensinada como sendo mais uma emoção que podemos sentir. Mas, para isso, é preciso que saibamos construir outros valores para nossas vidas paralisadas e anestizadas pela atmosfera de indiferença, desigualdade, injustiça e desprezo que nutrimos, quase indistintamente, uns pelos outros. Isso sim é uma “existência ferida”, uma “existência doída” que nada tem a ver com “feridas de existência” impotentes e “dores de existir” conformistas e conformadas com o conforto, tantas vezes moralmente espúrio de que se alimentam.

A psicanálise fiel à Freud não é a que se limita a repetir o que Freud disse, mas a que tenta recuperar a inquietação de Freud e dizer que o sujeito “é” sempre no plural e sempre “outro”. Por que o sujeito do amor seria sempre o mesmo? Por que não poderia ser outro, mais rico, menos obsessivo, menos possessivo e menos indiferente a outros amores e outras paixões? Deixo com vocês a pergunta e a resposta.

Obrigado pela atenção de vocês.